

PARTE 4
DOSSIÊ DIVERSA

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO E A NOÇÃO DE LIBERDADE

*Suzi Frankl Sperber**

RESUMO

Exame do romance *A luneta mágica*, de Joaquim Manoel de Macedo, visto até agora como sátira de costumes. Comparação com *O moço louro* e *As vítimas algozes*, do mesmo autor. *O moço louro* foi relegado, no séc. XX, como romance trivializado e *As vítimas algozes* como confundindo vontade abolicionista e preconceito racial. A tematização da culpa pareceu a Brito Broca como o eixo de *A luneta mágica*. O tema maior, contudo, é a liberdade, entendida como maioridade. Esta consiste na autonomia do ser e agir segundo o próprio entendimento. Macedo põe em questão a integridade e mesmo a identidade do cidadão. As brincadeiras de algumas tramas e o seu caráter alegórico talvez tenham comprometido a percepção desta modernidade temática na obra de Macedo.

Palavras-chave: Joaquim Manuel de Macedo; *A luneta mágica*; *As vítimas algozes*; *O moço louro*; Literatura brasileira séc. XIX; Ética; Noção de liberdade.

A *luneta mágica*, de Joaquim Manoel de Macedo, foi primeiro publicado como folhetim no periódico *A Semana Ilustrada*, entre 22 de março e 27 de setembro de 1868, e só no ano seguinte saiu em forma de livro.

Consta que se trata de uma sátira de costumes, diferente do romantismo de *A moreninha* (1844) ou dos três relatos de verdadeiro dramalhão abolicionista de *As vítimas algozes*, obras célebres do autor. (Tenha-se em conta que *A luneta mágica* e *As vítimas algozes* foram publicadas no mesmo ano de 1869). Na realidade seria romance bem mais próximo das peças teatrais de Macedo, que, se hoje são pouco lembradas, eram tidas pelos contemporâneos como a parte mais importante de sua obra.

* Universidade Estadual de Campinas.

O protagonista de *A luneta mágica*, Simplício, é extremamente míope. O narrador está em primeira pessoa, de modo que a voz narrativa seria do próprio Simplício, que se retrata não apenas como deficiente físico mas também como míope moral.¹

Ele conta o nível de confusão em que entra devido à sua miopia, seu desespero e desgosto e de como foi levado por um amigo a um ótico que tem como ajudante um armênio, ótico de excepcional competência e com poderes mágicos, que lhe faz uma luneta. Trata-se de uma luneta mágica. A primeira luneta que Simplício recebe, além de lhe restituir a visão, fixada em um objeto por mais de três minutos, mostra o Mal que se esconde no fundo deste objeto: pessoa ou coisa. O armênio pede que ele lhe prometa não ultrapassar a visão de três minutos. Mas Simplício, encantado com a visão que lhe é agora possível, fica tentado a olhar por mais de três minutos o objeto focalizado. E acaba descobrindo a visão do Mal, que o leva a se indispor, primeiro com seus parentes, depois com os amigos, por fim com toda a cidade, a quem acusa das piores ignomínias – ou das mais cruas e duras verdades que normalmente permanecem ocultas. Prestes a ser internado num hospício, vem a quebrar involuntariamente a luneta. Volta a procurar o armênio, que lhe fornece uma nova, mas com outra característica, que acaba apresentando um inconveniente também: através dela, caso ele fixe algo por mais de três minutos, tudo e todos só mostram a face do Bem. Simplício passa a ser enganado por todos os espertalhões do Rio de Janeiro, os quais julga honestíssimos. Ridicularizado pela sociedade, resolve suicidar-se, mas na hora H é salvo pelo armênio, que lhe dá uma terceira luneta, desta vez com a visão do Bom Senso, sempre caso ele fixe os objetos por menos de três minutos. Como nos casos anteriores, Simplício deverá reter-se de fixar a luneta num mesmo objeto por mais do que o tempo regulamentar. E deverá fazer segredo de suas visões.

Este é o enredo do romance, uma fábula chamada de moralista, narrada com humor. Ao lê-lo, ressalta como injusta a opinião de Sílvio Romero que julgava Macedo um “sub-romancista pela pobreza da fantasia”. Também não encontraremos aqui os personagens-chavão apontados por José Veríssimo como “infalíveis” em sua extensa obra: a mocinha apaixonada, a intrigante invejosa, o galã, a velha namo-

¹ “Chamo-me Simplício e tenho condições naturais ainda mais tristes do que o meu nome.

Nasci sob a influência de uma estrela maligna, nasci marcado com o selo do infortúnio.

Sou míope; pior do que isso, duplamente míope: míope, física e moralmente.

Miopia física: – a duas polegadas de distância dos olhos não distingo um girassol de uma violeta.

E por isso ando na cidade e não vejo as casas.

Miopia moral: – sou sempre escravo das idéias dos outros; porque nunca pude ajustar duas idéias minhas.

E por isso quando vou às galerias da câmara temporária ou do senado, sou consecutiva e decididamente do parecer de todos os oradores que falam pró e contra a matéria em discussão.

Se ao menos eu não tivesse consciência dessa minha miopia moral!... mas a convicção profunda de infortúnio tão grande é a única luz que brilha sem nuvens no meu espírito.” (Macedo, 1961, p. 1).

radeira, o estudante engraçado, o vilão traidor etc. Ainda que a luneta desnude alguns mecanismos sociais que podem levar a compor, por momentos, também estes tipos humanos. As qualidades da luneta superam em muito as redundâncias e repetições do estilo popularesco do folhetim.

É verdade que a tendência de Macedo é a da repetição, característica do folhetim, ou da literatura trivial. Até do ponto de vista da linguagem. Um registro de adjetivos do romance *O moço louro* (romance igualmente famoso, publicado em 1845) mostra as seguintes recorrências (cito o adjetivo e indico o número de repetições): fatal: 20; inocente: 38; virgem: 38; doce: 71; pobre: 136; sublime: 8; encantador/a: 33; angélica/o: 18; pura/o: 36. Mas há um outro grupo de repetições a serem levados em conta: medo: 46; mistério: 16; desgraçada: 29. Portanto, ainda que a caracterização de personagens possa aproveitar tendências da época, há temas abordados por Macedo que não correspondem a uma moda. É o caso do medo, a noção de tempo,² escravidão (o adjetivo ou substantivo escrava/o aparece 33 vezes); noção de preconceito³ e, claro, acima destes últimos temas, a noção de liberdade e de livre-arbítrio. Com respeito à nobreza (o adjetivo também é repetido, em *O moço louro*, por exemplo, 61 vezes), ele é crítico em não raros momentos de suas narrativas.⁴

Avaliado por vários críticos como autor de segunda categoria, quem sabe devido à história de sua vida (Macedo morre louco), *A luneta mágica* foi vista como tratando do problema do mal. Segundo Brito Broca⁵ o tema do mal, fruto de maniqueização, foi tratado na literatura brasileira no século XIX. Primeiramente teria surgido no folhetim de Alencar, publicado a 6 de maio de 1855 no *Correio Mercantil* e enfeitado no livro *Ao correr da pena*, que veio a lume em 1874. Depois apareceu em *A luneta mágica*, de Joaquim Manuel de Macedo. Ambos teriam lido *Les mémoires du Diable*, de Frédéric Soulié.⁶ Mas há diferenças no tratamento dado ao tema. Segundo Brito Broca *Ao correr da pena*, *A luneta mágica* e *Les mémoires du Diable* têm em comum um artifício mágico: uma luneta, que capacita a quem a usa a penetrar no âmago dos seres humanos (Alencar e Soulié), ou a ver o mundo sob um prisma só, bom ou mau alternadamente, conforme a luneta (Macedo). Em ver-

² “Félix dava o abraço à sua querida prima; e, único feliz entre tantos, esquecia-se, conversando com ela, do tempo que passava, dos olhos que o cercavam, do passado, do presente e mesmo do futuro” (Macedo, 1954, p. 75).

³ Em *Memórias da Rua do Ouvidor* dois fidalgos, encantados com uma mameluca criada na cidade, propõem-se a fugir com ela, mas nenhum lhe oferece o casamento. Portanto, a idéia é a do aviltamento da mulher: “Gil Eanes mandou propor a Inês que em noite aprazada fugisse da casa do cirurgião para doce retiro, onde ele lhe assegurava, além do seu amor, felicidade e riqueza. Lopo de Melo mandou oferecer-lhe a liberdade por dinheiro, prestando-se ela a ficar para sempre sob sua amorosa proteção” (Macedo, 1988b, p. 7).

⁴ “Fidalgos! a classe humana super-humanizada, privilegiada e purificada, a classe do seu culto e da sua paixão!... quem diria que o seu maior tormento lhe viria de fidalgos” (Macedo, 1988b, p. 4).

⁵ “Uma fantasia filosófica”, in Broca, 1962, p. 32-36.

⁶ Frédéric Soulié só fez sucesso com *Les mémoires du diable*, publicado como folhetim entre 1837-38. O livro narra o pacto feito pelo barão François-Armand Luizzi com o diabo, descrevendo uma série de perversões e crimes morais vistos como sádicos.

dade a aproximação possível entre estas narrativas não é tão grande assim. Soulié faz sua personagem ser atraída para e pelo mal demoníaco. O barão François-Armand Luizzi faz um pacto com o demônio, como seus antepassados o fizeram, pacto que o leva ao inferno. Não existe luneta. O diabo é que em duas ocasiões se apresenta com um lornhão (que não é exatamente uma luneta). O maior crime é feito contra a liberdade, e na declaração de que a aprisionada (Henriette) é louca.⁷ Alencar só se refere ao demônio ao citar Soulié. Macedo cria o armênio, que não pode ser confundido com Satã, visto que tem propósitos generosos, salva Simplício do suicídio e bem que o adverte repetidamente dos riscos do uso abusivo de cada uma das lunetas mágicas. Se procurarmos um demônio em **A luneta mágica**, só podemos encontrá-lo inculcado dentro da luneta mágica. E, rigorosamente, só quando a visão que esta proporciona é a do mal. Mas Simplício não é propriamente atraído pelo Bem ou pelo Mal. Antes pelo contrário, ele acaba sendo repellido por ambos. Aliás, Macedo além de tratar do Mal e do Bem, se refere também ao Bom Senso.

Ao tratar do Mal, poderia, dentro da imagem maniqueísta e simplista que nos é passada de Macedo, fazer a crítica dos outros apenas. A crítica dos outros é descrita como não tolerada pela sociedade, o que estigmatiza o crítico como louco. (“Porque na sociedade a maior prova, o mais seguro sintoma de loucura é dizer a verdade sem rebuço, mesmo quando a verdade pode ser desagradável ou ofensiva”, Macedo, 1961, p. 85). Mas a personagem acaba chegando a contemplar-se a si mesma por causa da ambição desmedida de conhecer o futuro, coisa que seria eventualmente possível, dissera o armênio, a partir de treze minutos de contemplação. Como para conhecer o futuro era preciso passar pela visão do Mal, ao olhar-se no espelho por mais de três minutos, Simplício passa a ter horror de si. Ele não suporta contemplar-se nem mesmo por treze minutos – e acaba quebrando a luneta, sem ter a visão do futuro. Diga-se de passagem que as repetições – índice eventual de trivialização – não têm nem a natureza, nem a frequência de **O moço louro**. Em **A luneta mágica** encontrei as seguintes repetições: maligno/a: 4; mal: 13; malícia: 6; natural: 8; sobrenatural: 5; olho/s: 86; lágrima/s: 14; inocente: 26; virgem: 2. A palavra relevante é olho e o tom

⁷ “— Henriette, reprit Félix, écoutez-moi bien: une dernière fois je vous offre la vie; je vous ai trompée quand je vous ai dit que vous passiez pour morte; le mot que j’ai dit devant M Lannois fut recueilli et répété par lui; on vous crut folle, et nous profitâmes de cette opinion pour répandre le bruit que nous vous avions fait quitter la France. On vous croit enfermée dans quelque maison de fous d’Amérique ou d’Angleterre, et, de même que vous pouvez n’en revenir jamais, vous pouvez en arriver demain”. (Soulié, 1961, p. 364)

é de malícia. O humor dá o tom da alegoria e a medida da impaciência – e simplicidade – da personagem. Portanto, se considerarmos que as repetições são verdadeiramente índice de trivialização, *A luneta mágica* escaparia mais desta pecha.

A visão do Bem, apresentada na segunda parte do livro, é igualmente nefasta. O resultado não é tão diferente: a personagem é novamente apresentada pelo narrador “eu” como incompetente para viver neste mundo: é tonto e incapaz de gerir sua vida (“Uma, a primeira, me fez passar por doido; outra, a segunda, me faz passar por néscio! Doido ou néscio, não escolho; porque a conseqüência é a mesma”, Macedo, 1961, p. 193). Seu refúgio é a morte. Esta corresponderia ao preço da *hybris*. É uma desmesura medida pelo tempo e o tempo é de apenas três minutos. Por sutil que seja esta indicação, é forte pensar que a contemplação por mais do que três minutos já levará a ter uma medida do bem ou do mal. E o bom senso é o resto, shakespearaneamente; isto é, é o silêncio. Mas como também já o sabemos, Simplício é salvo do suicídio pelo armênio. Ainda desesperado, põe em questão a sua identidade pessoal, humana e a identidade ficcional, resolvendo a narrativa pelo seu caráter exemplar.⁸

Aparentemente Macedo satiriza a sociedade. Isto se não levarmos em conta as lunetas e a miopia. O grande problema não é tanto aquele que está fora da personagem, mas aquele que determina a necessidade das lunetas. Porque este é o grande tema e problema da narrativa: conquista da liberdade⁹ e fundamentação do livre-arbítrio. E, evidentemente, a questão é também maioridade e menoridade, autonomia e discernimento.

Kant anunciou que o Iluminismo “é a saída do homem de sua menoridade de que ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem” (Kant, 1985b, p. 11). Esta, justamente, é a maior dificuldade de Simplício. Ele precisa permanentemente de um olhar que o oriente a julgar a si, ao mundo, aos cidadãos e aos atos humanos, políticos ou éticos. Consciente de que teria o direito e o dever a dispor de critérios para julgar, desespera-se e

⁸ “— Não há confiança sem fundamento que ao menos se suponha seguro, e tu nem sequer sabes como me chamo, o que não me admira, porque nem sabes o teu verdadeiro nome.

— Eu o conheço pelo armênio, o mais sábio dos mágicos, e sei que recebi na pia batismal o nome de Simplício.

— Erro duplo! não há aqui armênio nem Simplício.

— Então como nos chamamos?

— Eu me chamo *Lição*.

— E eu?

— Tu te chamas *Exemplo*.” (Macedo, 1961, p. 218-219).

⁹ Não só em *A luneta mágica* é problematizada a liberdade. Leia-se *O moço louro*, por exemplo: “Uma palavra mentirosa, mas de fogo, embriagava os homens; era ela – liberdade! em nome da liberdade os grandes homens subiam a infamantes patíbulos... esgotavam-se os cofres públicos... cometiam-se horríveis sacrilégios... desterravam-se e exterminavam-se modestos religiosos!... ninguém mais se supôs pequeno. Uma outra palavra também mentirosa, mas também de fogo, fazia gigantes os mais desprezíveis anões... era ela – igualdade!” (Macedo, 1954, p. 78).

busca solução. Ela vem sob a forma da luneta mágica. Poderíamos entender este *deus ex machina* como mecanismo de conto de fadas sem maiores análises. Desconstruindo o motivo da magia, fica em nossas mãos a idéia de que o conjunto de noções necessárias e suficientes para se atingir o discernimento é algo que precisa da magia, porque é material que está em falta não apenas para Simplício, mas para a comunidade em que está inserido. É preciso que ele seja conseguido por magia, e magia de estrangeiro: o armênio. A condição de menoridade de Simplício, portanto, parece mais radical porque ele, na sua simplicidade, tem boa-fé. Os outros, bons ou maus, têm má-fé. Assim é que com luneta ou sem luneta ele é explorado pelo irmão, pela tia e prima. Os que se apresentam como se fossem maiores têm, diferentemente de Simplício, decisão e coragem nos seus atos abusivos e injustos. Falta decisão e coragem para aqueles que persistem na condição de menores. Simplício pensa conseguilas com a ajuda da luneta. Mas são decisão e coragem de empréstimo, postíças, visto que são conferidas pelo objeto mágico. A maioria consiste na autonomia, na liberdade de ser e agir segundo o próprio entendimento. Na narrativa de Macedo, dependerá da luneta do bom senso e do silêncio e discrição.

A menoridade é confortável; a maioria exige esforço e consiste em risco: ao caminharmos com nossas próprias pernas corremos o risco de tropeçar. Por medo das quedas é que os homens preferem manter-se presos aos grilhões de uma tutela. É necessário, portanto, para que o homem seja livre no uso da própria razão, que tenha autoconfiança, independência individual:

É fácil viver no mundo segundo a opinião do mundo; é fácil viver em solidão segundo nós mesmos; mas o grande homem é aquele que mantém, em meio à multidão, com perfeita brandura, a independência da solidão. (Emerson, 1994, p. 42)

Modernamente poderíamos considerar que cada cidadão tem um valor absoluto, relativizado pelo acordo intersubjetivo fundado no pacto dos direitos e deveres do cidadão. Em *A luneta mágica* este pacto não foi feito e Simplício está perdido na ausência de parâmetros. Sua solidão é de valores, decorrente da credulidade que o impede de centrar-se em si mesmo. Como ele busca um absoluto enquanto parâmetro de valor, os relativos de que é feito o seu mundo lhe escapam, o atordoam ou ofendem. Como o seu mundo é feito de erros e confusão, Simplício se sente preso. Preso às diferentes óticas absolutizadas, ou preso à falta de ótica. Sua falta de liberdade: eis a questão. Ou ele é “escravo das idéias dos outros”, ou está ameaçado de ser internado por loucura, ou de ser encarcerado em casa, por néscio. A liberdade almejada, ameaçada, daria consistência à verdade procurada e observada nas suas manifestações históricas. Quem sabe o que se vê como falha na obra de Macedo não decorra justamente de ele não aceitar a realidade histórica, injusta e arbitrária? Afinal, Macedo faz críticas que outros autores de seu tempo evitaram. Ele fala na situação

da mulher (em *O moço louro*,¹⁰ por exemplo, mas também em *As vítimas algozes* ou em *Memórias do sobrinho de meu tio*);¹¹ denuncia a escravidão em diversos de seus textos, mais do que outros autores de renome da ficção em prosa do período, fala na pobreza e desigualdade social. E põe em questão a integridade e mesmo a identidade do cidadão. Em *Memórias do sobrinho de meu tio* Macedo critica todo o jogo político feito de interesses inescrupulosos, a ponto de antever maus tempos futuros para o Brasil.¹² As brincadeiras de suas tramas talvez não tenham sido entendidas por conta desta modernidade temática¹³ fora do seu tempo, ou os aspectos negativos de seu discurso contaminaram a crítica a respeito de toda sua obra. Ou ainda as costuras das tramas aparecem mais claramente, deixando entrever interstícios de acabamento insatisfatório. Em *A Luneta mágica* o problema acaba sendo resolvido provisoriamente de maneira alegórica, pela exemplaridade, o que talvez não satisfaça a certas exigências estéticas. Mas até neste ponto Macedo é bastante moderno, refletindo sobre a especularidade que existe entre fazer ficção e viver. A ingenuidade de Simplicio se presta para a lição de sabedoria. Ver, avaliar e saber. A caracterização da personagem, que parece simplória, propõe um desenvolvimento que depende de esfor-

¹⁰ “— Eu sei, Honorina; porém, nesta vida não nos dão licença de pensar, senão no casamento; e a esperança deste está mais em um bom dote do que em dois bonitos olhos; portanto, demos graças à providência, já que nem por feias espantamos, nem por pobres desesperamos.

— Oh! porém é torpe, Raquel, disse com entusiasmo Honorina; é torpe, que um homem venda o seu coração, ou pelo menos a liberdade, por um cofre cheio de ouro! é um horrível sacrilégio ir um homem ajoelhar-se aos pés do altar, receber a bênção do sacerdote, estender a mão para uma triste mulher, com os olhos no seu rosto e o pensamento no dinheiro!... e mais baixo e mais torpe que tudo isso é um homem negociar com a desgraçada simpatia que lhe tributa uma infeliz mulher, enganá-la quando ela conta com o seu amor; quando a conduz do templo para casa, antes de outorgar-lhe o primeiro beijo de esposo, correr ao seu escritório a escrever no livro das suas contas mais uma parcela na coluna dos rendimentos!...” (Macedo, 1954, p. 46). Ou ainda: “Há homens detestavelmente vaidosos, homens insolentes, que não vêem na mulher senão a mais fraca e humilde das criaturas; homens que não amam nunca, pois são incapazes de tão nobres sentimentos, mas que trabalham para ser e se ufanam de parecer amados. A alma desses homens é torpe, é alma de lodo; e a mulher infeliz, a quem requestam, é por força a vítima de sua vanglória; porque, de duas uma, ou ela é bem desgraçada para corresponder a fingidos extremos, ou deles sabe zombar. No primeiro caso, lá vão os miseráveis ostentar seus triunfos em toda a parte... nas assembleias, nos passeios e no teatro eles desfiam a atenção do público para que todos sintam suas vitórias, invejem suas felicidades, proclamem-nos como conquistadores, embora à custa do nome e do crédito da vítima!... e, quando uma senhora os tem tratado de maneira que em sua própria vaidade não ousam supor-se felizes, eles ousam, contudo, por jactância e por vingança impor... fingir... dizer sê-lo! para eles o nome e a fama de uma mulher não é mais que a flor, que importa pouco ser quebrada, murcha e perdida, contanto que sirva um momento para ornar a coroa de seus improvisados triunfos.” (Macedo, 1954, p. 166-167).

¹¹ “Que diabo é a mulher na nossa sociedade?

Moça solteira é uma boneca, com que se brinca: diverte-nos, tocando ao piano, e dançando conosco na sala, e se não é simplesmente boneca, é uma infeliz que começa a desmoralizar-se passeando a conversar com desmiolados, que pensam ser cortesia namorar todas as moças.

[...]

Esposa e já mãe de família é a mais graduada escrava da casa; às vezes dizem que ela é rainha; mas é rainha que tem por cetro a chave da despensa.” (Macedo, 1995, p. 105).

¹² “Que as desgraças do país são tão patentes, e as calamidades e riscos que ameaçam o Brasil tão claros [...]” (Macedo, 1995, p. 360).

¹³ Em *As vítimas algozes* Macedo perde o humor – e passa a ser altissonante, retórico, além de repetitivo no mote de que o ser escravizado incorpora o arbítrio e a violência, passando a ser ele mesmo arbitrário, violento, imprevisível – isto é, traíçoeiro na caracterização do escravo, do negro. O narrador incorpora todos os estigmas contra o negro.

ço e luta, e sofrimento, da personagem. Ao julgar os outros – e a si mesmo – o narrador levanta o tema da alteridade e da existência de diferentes verdades. A existência de múltiplas verdades traz em si um germe do caos, já que torna tudo absolutamente relativo e impede até mesmo a comunicabilidade das diversas visões de mundo.¹⁴

A implicação de se considerar a Verdade, entendida como um conhecimento exato da realidade, como inacessível é um problema sério, já que implica um questionamento do conhecimento em si. Na inapreensibilidade do mundo, resta desenvolver o eu. Neste sentido, *A luneta mágica* propõe o tema da construção do eu, tarefa que depende de responsabilidade que envolve consciência, desejo, liberdade, sentimento de falta de identidade, inseridos no tempo. Isto é o seu tanto sartreano. Bem *avant la lettre*.

Avant la lettre significa também que as preocupações de Macedo não refletem direta e mecanicamente a realidade, isto é, a referência histórica e social. Dialogam com ela, mas não a refletem. Enquanto escritor, ele pode, no esforço de vencer as idéias escravistas, ter uma reflexão até mesmo pertinente, diferente quer do reflexo exato da sociedade e de seu tempo, quer das linhas de força do pensamento predominante desse momento, porém vertida de forma impertinente, que se morde o rabo e vira preconceituosa, como nas *Vítimas algozes*. Mas em *A luneta mágica*, Macedo constata o universo de interesses que comprometem a lucidez e a justiça, questões que fazem parte de seu tempo, assim como do nosso. Se por um lado isto representa o Brasil, por outro Macedo insere uma cunha fundamental: a questão da necessida-

¹⁴ “— Resolvi dar-te hoje a mais preciosa, mas também a última das lunetas mágicas que de mim terás.

— Qual?...

— Aquela que te fará gozar a visão do bom senso.

— Oh! a visão da sabedoria...

— Quase.

— Serei feliz... perfeitamente feliz!

— Nem assim.

— Por quê?...

— Porque o homem é o homem.

— Não entendo.

— Porque ainda com o bom senso há ardendo na alma do homem uma flama insaciável, que torna impossível a felicidade perfeita.

— Que flama é essa?

— A do desejo – de desejo que tem mil sobrenomes – amor, glória, ambição, ouro, honras, luxo, gula, vingança ... e muito mais que eu não acabaria de dizer nem em duas horas.

— Ao menos porém a visão do bom senso não me tornará nem cético, nem ludíbrio do mundo e dos homens.

— E não sofrerás menos por isso.

— Como?

— Pela visão do bom senso reconhecerás, onde está o bem e o mal, e mil vezes não poderás aproveitar o bem, e livrar-te do mal.

— Mas é incompreensível!

— A pesar teu serás arrastado para longe do bem e para os precipícios do mal...

— Resistirei.

— Serás o censor de muitos e o reprovado de quase todos...

— Que importa?

— Os homens te condenarão contraditoriamente, como republicano e áulico, excêntrico e tolo, ateu e fanático, imoral e hipócrita, presumido e estúpido, santilão e demônio.” (Macedo, 1961, p. 222-223).

de da busca da liberdade pessoal, individual, sugerindo isto em *A luneta mágica*, mas insistindo, em *As vítimas algozes*, que a liberdade coletiva, digamos nacional, é imprescindível, sob pena de surgirem sérias conseqüências. Ele não vai ao fundo da questão e não chega a perceber que a decorrência da falta de liberdade coletiva e da injustiça social, da discriminação excludente, leva a um desequilíbrio gerador de violência coletiva. (As suas personagens, em *As vítimas algozes*, chegam até a violência individual, mas de modo torpe). De qualquer modo, a consciência possível, para Macedo, está adiante de seu tempo.

Seus livros se caracterizam por trazerem um narrador em geral em primeira pessoa e que se coloca também como personagem importante, quando não principal, das narrativas. Este tem condições de análise de si e da situação psico-política. A sociedade é só analisada a partir de seus compromissos políticos. A desigualdade é revelada sobretudo a partir do viés da ambição e dos compromissos espúrios, da falta de ética e dos abusos, quando não de uma luxúria necessariamente camuflada por força da época em que são escritos e publicados os seus textos. O que é interessante é que dentre as obras mencionadas neste artigo, salvo em *A moreninha* e *O moço louro*, os protagonistas em verdade são uns calhordas. O herói romântico jovem, idealista, belo, corajoso não será encontrado nem em *A luneta mágica*, nem em *As vítimas algozes*, ou *Memórias do sobrinho de meu tio*, ou em parte das cenas de *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*. E, visivelmente, o herói de *O moço louro* não age por “se servir do entendimento sem a orientação de outrem”. Seu norte são valores da sociedade, sem reflexão, com muito de assistencialismo, com imprudência e com poderes de *deus ex machina*. A crítica à sociedade, a seus valores, ao constrangimento em que coloca a mulher e até mesmo – tortamente – em relação à escravidão, faz de Macedo um realista – não de todo coerente, mas ainda assim realista *avant la lettre*.

Ele se antecipou até mesmo com respeito à legislação que foi alforriando o escravo muito paulatinamente, alforria que tem cinco datas decisivas: 1823, 1830, 1871, 1885 e 1888.¹⁵ A primeira lei que realmente liberta um grupo de escravos data de 1871 (a Lei do Ventre Livre). *A luneta mágica* – em que Macedo tematiza a necessidade de consciência, de discernimento (bom senso) para o pleno exercício da liberdade – é de 1869.

¹⁵ A escravatura já era contestada desde a Assembléia Constituinte de 1823, quando José Bonifácio de Andrada e Silva propôs que o Brasil, como os Estados Unidos da América, substituísse os escravos por imigrantes europeus. Em 1830, o Governo brasileiro assinou tratado imposto pela Inglaterra, transformado em lei que obrigava a extinção do trabalho escravo no prazo de quinze anos. A Lei do Ventre Livre, comandada, a pedido do Imperador, pelo Senador José Maria da Silva Paranhos, o Visconde do Rio Branco, tornou livres as crianças nascidas de mães escravas somente em 1871. Em 1885, foi aprovada a Lei dos Sexagenários, que tornou livres os escravos com idade igual ou superior a 65 anos e provocou grande mobilização nas cidades e nos campos contra a escravidão. A Lei Áurea foi assinada pela Princesa Isabel em 13 de maio de 1888.

RÉSUMÉ

Analyse du roman *A luneta mágica*, de Joaquim Manuel de Macedo qui a été vu, jusqu'à présent comme étant une satire de coutumes. Comparaison entre *O moço louro* et *As vítimas algozes*, du même auteur. *O moço louro* a été mis a côté pendant le XX siècle, étant considéré comme un roman trivial et *As vítimas algozes* comme faisant confusion entre volonté abolitionniste et préjugé racial. Le traitement de la culpabilité a paru a Brito Broca comme l'axe de *A luneta mágica*. Le thème majeur, cependant, est la liberté, comprise comme majorité. Celle-ci consiste dans l'autonomie de l'être et de l'action selon le propre entendement. Macedo met en jeu l'intégrité et même l'identité du citoyen. Les plaisanteries de quelques unes de ces histoires et leur caractère allégorique ont peut-être difficulté la perception de cette modernité thématique dans l'œuvre de Macedo.

Mots-clés: Joaquim Manuel de Macedo; *A luneta mágica*; *As vítimas algozes*; *O moço louro*; Littérature brésilienne XIX siècle; Éthique; Notion de liberté.

Referências bibliográficas

- BROCA, Brito. Uma fantasia filosófica. In: **Pontos de referência**. Rio de Janeiro: MEC, 1962. p. 32-36.
- EMERSON, Ralf Waldo. **Ensaio**. Seleção, tradução e prefácio de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1994.
- KANT, Immanuel. **Immanuel Kant – textos seletos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- KANT, Immanuel. Resposta à Pergunta: Que é Esclarecimento?. In: **Immanuel Kant – textos seletos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 11.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. **Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro (1852-1853)**. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1942. 2v.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. **O moço louro**. São Paulo: Saraiva, 1954.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. **A luneta mágica**. São Paulo: Saraiva, 1961.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. **As vítimas algozes**. Quadros da escravidão. 3. ed. Comemorativa do Centenário da Abolição. Estabelecimento do texto e notas por Raquel Teixeira Valença. Com um estudo introdutório de Flora Süssekind. Fundação Casa de Rui Barbosa. São Paulo: Scipione, 1988.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. **Memórias da Rua do Ouvidor**. Coleção Temas Brasileiros, 63. Documentos e Estudos. Brasília: Editora UnB, 1988b.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. **Memórias do sobrinho de meu tio**. Organização Flora Süssekind. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. **A misteriosa**. Capa de Santa Rosa. Rio de Janeiro: Ocidente, s/d. (Coleção “Novelas de todos os tempos”, v. II).

SERRA, Tania Rebelo Costa. “O Ano Biográfico Brasileiro, de Joaquim Manuel de Macedo como uma leitura da História da Literatura”. In: **Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUC-RS. SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA LITERATURA**, 1. Anais... Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 128-134, abr. 1997.

SOULIÉ, Frédéric. **Les mémoires du diable**. Document extrait de la base de données textuelles Frantext réalisée par l’Institut National de la Langue Française (INaLF). Numérisation BnF de l’édition de Paris: INALF, 1961. (Frantext; M348-M349). Reprod. de l’éd. de Paris: A. Dupont, 1837, N089699. http://gallica.bnf.fr/Fonds_Textes/T0089699.htm.

SÜSSEKIND, Flora. “As vítimas algozes e o imaginário do medo”. In: MACEDO, Joaquim Manuel de. **As vítimas algozes**. 3. ed. Comemorativa do centenário da Abolição. Estabelecimento do texto e notas por Raquel Teixeira Valença. Com um estudo introdutório de Flora Süssekind. Fundação Casa de Rui Barbosa. São Paulo: Scipione, 1988. p. XXI-XXXVIII.